



miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

AUTISMO EM PAUTA: ANÁLISE DE ELEMENTOS SEMÂNTICOS EM TIRINHAS DA TURMA DA MÔNICA



AUTISM IN DEBATE: ANALYSIS OF SEMANTIC ELEMENTS IN MONICA'S GANG COMICS

Mirelly Simplício de SOUZA
Natália Luczkiewicz da SILVA
Max Silva da ROCHA

Universidade Estadual de Alagoas, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 23/06/2020 • APROVADO EM 29/09/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2490>

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar possíveis elementos semânticos que proporcionam a pluralidade de sentidos em textos verbais e não verbais. Esses textos selecionados tratam da inclusão de crianças que possuem Transtorno de Espectro Autista (TEA), e fazem parte de uma edição especial (2019), da Revista da Turma da Mônica, do autor Maurício de Sousa. Para esta análise, selecionamos partes da revista com textos verbais e não verbais e *prints* de vídeos do canal da Turma da Mônica, que propiciaram algumas construções de sentidos. A metodologia segue os pressupostos da Semântica, em uma perspectiva sociointeracionista. O estudo é de

cunho qualitativo e alguns dos aportes teóricos utilizados foram: Bernardi (2014), Ferrarezi Jr. (2019), McCleary e Viotti (2009), Marcuschi (2008), Bakhtin (2002), Souza e Santos (2018), entre outros. A partir das análises, verificamos que os textos produziram efeitos de sentido acerca do TEA. O autor Maurício de Sousa utilizou-se de múltiplos sentidos para abordar um tema de grande relevância social, alcançando o público infantil por meio de estratégias linguísticas, as quais despertam o humor e a criticidade.

Abstract

This article aims to analyze possible semantic elements that provide the plurality of meanings in verbal and non-verbal texts. These selected texts deal with the inclusion of children with Autistic Spectrum Disorder (ASD), and are part of a special edition (2019) of *Revista da Turma da Mônica*, by author Maurício de Sousa. For this analysis, we selected parts of the magazine with verbal and non-verbal texts and video prints from Turma da Mônica's channel, which provided some construction of meanings. The methodology follows the assumptions of Semantics, in a socio-interactionist perspective. The study is qualitative in nature and some of the theoretical contributions used were: Bernardi (2014), Ferrarezi Jr. (2019), McCleary and Viotti (2009), Marcuschi (2008), Bakhtin (2002), Souza and Santos (2018), among others. Through the analysis, we found that the texts produced effects of meaning about ASD. The author Maurício de Sousa used multiple meanings to approach a topic of great social relevance, reaching the child audience through linguistic strategies, which stimulate humor and criticism.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Semântica. Autismo. Textos verbais e não verbais.

KEYWORDS: Semantics. Autism. Verbal and non-verbal texts.

Texto integral

A Semântica é uma área da Linguística que tem por objetivo o estudo dos sentidos ou significados das palavras. Por muitos anos, os estudos semânticos foram considerados de menor relevância, quando comparados aos estudos de base estruturalista, a exemplo dos estudos lexicais, morfológicos e os de cunho fonético-fonológico. Atualmente, uma das perspectivas que mais se destaca é a dos estudos semânticos correlacionados aos estudos pragmáticos. Nessa vertente, os sentidos podem ser desvendados a partir das funções que os textos exercem em um dado contexto comunicativo.

Trabalhos realizados a partir dos gêneros textuais mostram-nos um campo pertinente para pesquisas focadas na Semântica e na Pragmática, por esse motivo, as análises recentes costumam não contrapor esses campos da Linguística, mas sim abordá-los como estudos que se complementam. A Revista da Turma da Mônica, por exemplo, fornece elementos verbais e não verbais, que contribuem para promover diferentes sentidos com vistas a satisfazer propósitos comunicativos definidos.

A escolha desta temática se deu pela necessidade de comentar um tema tão importante, que é o Transtorno de Espectro Autista (TEA), e que apesar de estar sendo bastante destacado nas discussões atuais, ainda é alvo de preconceito. Na Revista da Turma da Mônica, na edição de número 51 de 2019, encontramos uma discussão sobre esse tema tão sério, de forma leve e descontraída, além de ser direcionado, com ênfase, ao público infantil, que desde crianças pode ter a possibilidade de conhecer mais sobre o TEA e desconstruir preconceitos, colaborando para a inclusão social das crianças que possuem essa limitação.

No trabalho em tela, temos como objetivo analisar possíveis elementos semânticos que propiciaram a pluralidade de sentidos em textos verbais e não verbais, na Revista da Turma da Mônica, do autor Mauricio de Sousa. Os textos selecionados na revista tratam da inclusão de crianças que possuem TEA. O material analítico faz parte de uma edição especial da referida revista. Para procedermos à análise propriamente dita, investigamos a capa da revista, uma tirinha e três imagens que engatilhavam a construção de sentidos na revista.

A metodologia deste artigo seguiu os pressupostos da análise semântica, com ênfase na categoria da pressuposição. A abordagem é de cunho qualitativo, embasando-se nos autores: Bernardi (2014), Ferrarezi Jr. (2019), Marcuschi (2008), Bakhtin (2002), Souza e Santos (2018), entre outros. O *corpus* é constituído por textos verbais e não verbais, retirados da Revista Turma da Mônica, bem como a partir de *prints* de vídeos da plataforma *YouTube*. Assim, as imagens da citada plataforma e as da revista fomentam as discussões sobre TEA, e relacionadas auxiliam no processo de compreensão de sentidos.

Este trabalho está dividido em três seções: na primeira, discutimos sobre os estudos semânticos na perspectiva tradicional e como foram se desenvolvendo ao longo do tempo; na segunda, abordamos questões sobre textos verbais e não verbais e os estudos semânticos e pragmáticos; na terceira, discorremos sobre a Revista da Turma da Mônica e sobre a temática da inclusão. Dividimos a terceira seção em duas subseções; na primeira, expomos a metodologia e na segunda, realizamos a análise. Para finalizar, destacamos as nossas considerações finais sobre o estudo.

OS ESTUDOS DE VERTENTE SEMÂNTICA

De acordo com Ferrarezi Jr. (2019), os estudos linguísticos de cunho semântico iniciaram no século XIX, a partir das investigações do francês Michel Bréal. Este precursor recebeu o *status* de fundador dessa vertente, embora outros autores já tivessem desenvolvido pesquisas nessa área, a exemplo de Reisig, na Alemanha. Apesar dos esforços para consolidar a Semântica como uma das ramificações dos estudos linguísticos, ela não conseguiu adquirir o prestígio esperado, quando comparada às dimensões fonético-fonológica e morfossintática, por se tratar de uma perspectiva de investigação científica que possui um objeto abstrato: o significado.

Em virtude disso, a Semântica se desenvolveu nos Estados Unidos, no período pós-segunda Guerra Mundial, momento em que as ideias gerativistas, de Noam Chomsky, ganharam força no âmbito das pesquisas linguísticas que, até então, não viam o significado como preocupação da língua. Chomsky, a partir da teoria do inatismo, demonstrava que “os estudos linguísticos deveriam ir além da estrutura em si e tinham como ‘missão’ explicar como os seres humanos são capazes de gerar estruturas linguísticas em suas mentes”. (FERRAREZI JR., 2019, p. 18). Assim, os gerativistas enfatizavam que, na mente humana, existia uma dimensão responsável pelo processamento dos significados, e que essa dimensão viria antes da estrutura linguística.

Os estudos semânticos avançaram ao longo do tempo e se desvincularam de uma relação apenas estrutural ou cognitiva, mas sem abdicá-las. Segundo a conceituação de Ferrarezi Jr. (2019, p. 15), “a semântica é tradicionalmente definida como a subdivisão da linguística que estuda o significado”. Assim, seria de fundamental importância estudar os significados e as formas como a mente humana os processa, levando em consideração o contexto de produção.

A Semântica pode ser caracterizada como a área da Linguística que se detém aos estudos da significação das palavras, entretanto, tratar a Semântica apenas como estudo dos significados, ainda resulta em um conceito vago. Este campo de estudos linguísticos deve ser entendido em nível sociointeracional, dessa forma, seria mais bem consistente afirmar que a Semântica é responsável pelo estudo dos significados resultantes da linguagem em um dado contexto comunicativo, haja vista que “a língua precisa ser entendida como um sistema aberto, que se alimenta e retroalimenta da própria relação do homem com esses mundos” (FERRAREZI JR., 2019, p. 74).

Aliada à Semântica, temos a Pragmática. São dois campos do saber que estão imbricados. Ferrarezi Jr. (2019, p. 42) afirma que: “enquanto a semântica se restringe aos significados das unidades linguísticas e às relações entre eles, a pragmática avança para a prática da língua, chegando ao que ela precisa retirar para si da dimensão extralinguística”. Assim sendo, entendemos Semântica e Pragmática como estudos complementares e não dicotômicos, uma vez que, para compreender os sentidos de uma palavra, de um texto, é necessário que conheçamos o contexto de produção, os propósitos comunicativos e os atos de fala de uma dada situação comunicativa.

Algumas correntes teóricas fazem uma separação entre o estudo do significado das expressões linguísticas, analisado fora de contextos de uso [...] e o estudo do significado das expressões em situações de uso. Entretanto, algumas outras correntes teóricas não aceitam a divisão tão rígida entre o âmbito de estudo da Semântica, de um lado, e da Pragmática, de outro. Para essas outras correntes, a construção de todas as conceituações que fazemos está associada a nossa experiência no mundo, e sempre depende, em maior ou menor grau, do contexto de fala. A divisão entre estudos semânticos e estudos pragmáticos, para essas

teorias, é apenas uma divisão didática. (MCCLEARY; VIOTTI 2009, p. 6).

A separação entre Semântica e Pragmática, na perspectiva tradicional, é recorrente, pois cada campo de conhecimento teria o seu próprio foco de estudo; enquanto nas perspectivas mais recentes, a divisão entre esses campos linguísticos seria apenas por uma questão didática, ou seja, mostrar que ambas são distintas e qual a função de cada uma, enfatizando que se complementam quando tomadas em uma perspectiva sociointeracionista da linguagem, pois “para saber qual é o sentido de uma palavra em determinado uso, precisamos recorrer aos elementos contextuais, tanto os ‘explicitamente linguísticos’ quanto os ‘situacionais’, para deles depreender qual é o sentido especializado ali utilizado” (FERRAREZI JR., 2019, p. 62).

Identificar o sentido de uma palavra ou um texto, além de depender do contexto comunicativo, é necessário que possamos relacionar os elementos linguísticos com os nossos conhecimentos enciclopédicos, ou seja, os nossos conhecimentos de mundo, dessa maneira, depreenderemos os sentidos do texto e a função que exercem, conforme apontam McCleary e Viotti (2009, p. 34):

Os significados das palavras e de outras unidades linguísticas não podem ser entendidos independentemente desse conhecimento enciclopédico. Ele é fruto de nossa interação com o mundo que nos cerca, e de nossa interação com as pessoas com que convivemos. Dizemos, então, que o conhecimento enciclopédico que temos está assentado tanto em nossa experiência física, quanto em nossa experiência social. Ele contém nosso ‘conhecimento do mundo’.

Como apontado nas discussões anteriores, consideramos a Semântica como o estudo do sentido de uma palavra a partir da relação entre os elementos linguísticos e o contexto comunicativo. Dessa forma, alguns fenômenos devem ser considerados quando desejamos realizar uma análise em nível semântico, dentre eles, destacamos os que são mais pesquisados atualmente: a sinonímia (relação de palavras que possuem sentidos semelhantes), a antonímia (relação de palavras que possuem significados contrários ou diferentes), a homonímia (palavras que possuem a mesma estrutura fonológica, mas significados diferentes), a conotação (sentido figurativo), a denotação (sentido literal), ainda podemos destacar a implicatura, a pressuposição, a metalinguagem, entre outros elementos que contribuem para a significação em uma dada situação comunicativa.

Para a realização da análise dos dados, utilizamos a pressuposição que é considerada um dos elementos de inferência, e tem como objetivo verificar se o enunciado pressupõe outro a partir da sua veracidade. Caracteriza-se a partir de uma visão de mundo que nos permite abranger um leque de possibilidades para

percebermos se determinado enunciado é coerente ou não. Para Ferrarezi Jr. (2019, p. 76), “a pressuposição é um dos tipos de inferência, de operação mental que relaciona proposições. Um enunciado pressupõe outro quando o conteúdo do segundo é necessário para o conteúdo do primeiro ser verdadeiro ou falso”. Dessa forma, consideramos a escolha do *corpus* pertinente a esse tipo de categoria semântica.

No presente artigo, pretendemos analisar quais são os possíveis elementos semânticos presentes na Revista da Turma da Mônica e de que forma esses elementos contribuem para a produção de sentidos. Na revista, encontramos o gênero textual tirinha. Trata-se de um gênero que apresenta uma linguagem com caráter humorístico, elemento introduzido a partir de efeitos de sentido, os quais suscitam ambiguidades, além de proporcionar a relação entre imagens e textos, corroborando para a construção significativa do evento comunicativo.

GÊNERO TEXTUAL, SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA

A linguagem humana só é possível graças à existência de textos, visto que só nos comunicamos a partir deles, sejam orais, escritos ou multimodais. Cada texto tem uma função comunicativa estabelecida e um contexto próprio, o que o torna único. Apesar de todo texto possuir suas características próprias, apresentam semelhanças estruturais quando comparados a outros textos, essas semelhanças possibilitam classificá-los em gêneros textuais.

Os gêneros textuais são incontáveis e, até certo ponto, infinitos, pois estão presentes em toda forma de comunicação humana, dessa maneira, “o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de diferentes esferas humanas, visto que a real substância da língua se constitui na interação verbal que se realiza na enunciação” (BAKHTIN, 2002, p. 113). Para o filósofo da linguagem, a substância da língua seria a capacidade de comunicação que, por sua vez, só é possível através dos gêneros textuais.

Com isso, depreendemos que os gêneros textuais estão presentes em nossa comunicação diária, nos diversos ambientes interativos e englobam a noção de texto e de discurso, que consideram a dimensão social como ponto de partida para o ato comunicativo (ROCHA; SILVA, 2017). Os gêneros possuem uma esfera de circulação específica e apresentam características linguísticas e estruturais que atendem aos propósitos preestabelecidos pelo sujeito enunciativo. Em virtude disso, os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões “sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas” (MARCUSCHI, 2008, p. 64).

Na Revista da Turma da Mônica, encontramos o gênero tirinhas. Elas são um gênero textual. Além disso, inserem-se no hipergênero quadrinhos, numa relação de intergenericidade. “Os gêneros em quadrinhos apresentam uma modalidade própria de linguagem, já que dois tipos de signos gráficos se conjugam

em sua construção: o visual e o linguístico” (LINS, 2008 *apud* XAVIER, 2018, p. 11). Assim como as charges, as histórias em quadrinhos, os cartuns e demais gêneros derivados, as tirinhas também pertencem ao hipergênero quadrinhos, entretanto, cada um deles possui características próprias, mesmo existindo essa relação intrínseca.

Bernardi (2014) destaca que as tirinhas possuem elementos linguísticos próprios, e o recurso do humor seria uma das principais características desse gênero. A presença do humor ocorre a partir de recursos específicos como, por exemplo, a quebra da expectativa, ou seja, um desfecho inesperado, que pode provocar riso no leitor. Além do humor, Bernardi (2014) sugere outras características desse gênero, dentre elas citamos: a presença de falas curtas e claras; a relação de imagens e diálogos; os quadrinhos que seguem uma sequência temporal; a moldura das tiras que influencia no ritmo da leitura, delimitando o tempo e espaço, personagens e ações; a presença de balões que abrigam as falas, pensamentos e onomatopeias; linhas de movimento dos personagens; e uso de conteúdos cotidianos para elaborar uma história e criar os personagens.

As tirinhas possibilitam relacionar os elementos linguísticos aos visuais que, por sua vez, colaboram diretamente nos efeitos de sentido do texto. Por isso, vale destacar a fala de Xavier (2018, p. 16): “a reprodução da língua falada é um dos mecanismos utilizados pelos quadrinhos para aproximá-lo ao máximo da realidade [...]. No entanto, é nas imagens que se encontra a ação”. A relação imagem/texto dá margem às análises em nível semântico, já que, muitas vezes, o sentido do enunciado não é adquirido apenas nas falas dos personagens, mas em todo contexto enunciativo.

As histórias contadas nas tirinhas despertam o caráter sociocognitivo da linguagem, em que o leitor terá que utilizar-se dos seus conhecimentos linguísticos e de mundo para realizar as inferências necessárias e reconhecer o sentido do texto. Os jogos de palavras, metáforas, polissemias, implícitos e pressupostos são alguns elementos linguísticos utilizados na construção textual desse gênero, que, ao gerar um efeito humorístico, desperta um leque de significados.

De acordo com Cabral e Oliveira (2013, p. 5), “é importante considerar que as estratégias textuais que fazem a construção do humor fazem uso de fenômenos de construção de sentidos, no nível semântico, pragmático ou textual”. O humor é característico do uso de elementos de nível semântico, pragmático e textual, assim, além do leitor compreender o que está escrito, ele precisa conhecer o contexto de produção do texto, ou o contexto ao qual o texto se refere.

Os recursos linguísticos que desencadeiam no humor, certamente, possibilitam diversas interpretações do mesmo texto. O leitor desenvolve estratégias cognitivas capazes de relacioná-las aos diversos conhecimentos que já possui previamente, a partir disso constrói hipóteses acerca da significação do texto. No entanto, sabemos que o modo como o texto direciona o leitor pode mostrar várias compreensões, pode evidenciar que nem todas são possíveis e tudo isso por meio de pistas, marcas linguísticas na superfície textual.

A partir do que foi exposto durante esta seção, consideramos o hipergênero quadrinhos, mais particularmente, as tirinhas, como textos consistentes para

análises semânticas, pragmáticas e textuais, por apresentarem diversas características que apontam para a pluralidade de sentidos do texto, mas que necessitam de um esforço sociocognitivo e contextual para que seja possível identificar as possíveis intenções do autor no ato da produção, a exemplo de possíveis sentidos presentes na Revista da Turma da Mônica. Para Ferrarezi Jr. (2008, p. 174), “compreender integralmente os sentidos possíveis em uma língua engloba, também, ser capaz de compreender os sentidos implícitos, aqueles que vão além do que foi abertamente dito [...]”.

As tirinhas fazem uso de elementos verbais e não verbais que contribuem para a identificação do sentido. Nosso trabalho analisa a pressuposição em uma tirinha presente na Revista da Turma da Mônica, e em imagens que remetem à mesma edição da referida revista. Essas imagens misturam elementos verbais e não verbais, assim como as tirinhas, porém não se enquadram apenas no gênero tirinha, por não apresentarem todas as características comumente encontradas nesse gênero. Assim, podemos considerar que a escolha dessas imagens e da capa da revista, relacionadas à tirinha, abordam a temática autista e, provavelmente, favorecem a interpretação de possíveis sentidos pretendidos pelo autor no ato da produção.

Na próxima seção, iniciaremos o percurso para a análise semântica em uma edição especial (sobre o TEA) da Revista da Turma da Mônica, que apresenta textos verbais e não verbais sobre a inclusão de crianças autistas em diferentes espaços sociais. Abordaremos os possíveis elementos semânticos e pragmáticos que corroboraram para a construção de efeitos de sentido no texto em tela, procurando pontuar as possíveis informações explícitas e as implícitas que, conjuntamente, atuam na construção de significados.

O PROCESSO DE INCLUSÃO NA REVISTA DA TURMA DA MÔNICA

O autismo é uma condição que, atualmente, é vista também como uma síndrome comportamental de nível complexo, tendo em vista que nem todos os autistas apresentam as mesmas características e limitações, pois existem vários subtipos do transtorno. O termo “espectro” é utilizado por existir diferentes níveis de comportamentos, nomeados de graus do espectro. Autismo não é sinônimo de dependência, pois muitos sujeitos que possuem essa limitação conseguem trabalhar, estudar, construir uma família e, muitas vezes, chegam à vida adulta sem ter o conhecimento do diagnóstico dessa síndrome.

Durante a trajetória do autismo muitos psicanalistas realizaram várias pesquisas com o intuito de diferenciar a esquizofrenia do autismo, uma vez que, atualmente, temos vários estudos, os quais comprovam que são distúrbios e que apresentam características completamente distintas umas das outras. O autismo também foi desassociado do conceito de “mães geladeiras”, que seriam aquelas mães de crianças autistas que não demonstravam ter afetividade e não interagem com as crianças. Por esses motivos, elas não gostavam de serem tocadas e não

conseguiam interagir. Alguns anos depois, novas pesquisas apontaram que o autismo combina tanto fatores genéticos como ambientais.

O transtorno autista consiste na presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da interação social e da comunicação é um repertório muito restrito de atividades e interesses. As manifestações do transtorno variam imensamente, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica do indivíduo (KUPERSTEIN; MISSALGLIA, 2005 *apud* SANTOS; SOUSA, 2018, p. 5).

Nesse sentido, podemos perceber que todos os sintomas que os autores apontam podem ser notados desde a infância, quando a criança prefere brincar sozinha, aponta dificuldades na comunicação verbal e se demonstra muito interessada a determinado conteúdo ou objeto, chegando muitas vezes a apresentar comportamentos compulsivos por aquilo que deseja. As manifestações podem ser perceptíveis a partir de um ano e meio de idade e, nos casos mais graves, com seis meses de vida, quando a criança já evita olhar nos olhos dos pais e apresenta dificuldades para sugar leite, tanto na mamadeira quanto no seio da mãe.

A Turma da Mônica é uma série de histórias em quadrinhos, considerada como a maior produtora de conteúdo infantil do Brasil. Criada em 1959, pelo empresário e cartunista Maurício de Sousa, as histórias passaram a ser destaque nas tirinhas de jornal, logo não demorou muito e conseguiu seu espaço em uma revista que se chamou “Mônica e sua turma”. A revista já tem mais de 50 anos de criação e é um sucesso mundial. Tendo em vista o fenômeno que a revista se tornou, Maurício sentiu a necessidade de, além de criar a Turma da Mônica clássica, criar a Turma Jovem, um desenho no estilo de mangá caboclo e agora *Graphic Novels*.

Antônio Maurício de Souza nasceu em 27 de outubro de 1935, em São Paulo. Filho de poeta e letrista de música, ele cresceu rodeado de livros. Seu pai foi o maior influenciador para se tornar um desenhista e cartunista. Em 1941, morando em outra cidade, o autor começou a ler histórias em quadrinhos, foi assim que surgiu o interesse e sua inspiração para a Turma da Mônica. O cartunista trabalhou em uma rádio sendo locutor, discotecário, comediante, redator e sonoplasta. Em 1965, a turma é lançada por mais de 300 países, mais precisamente nos jornais Folha de São Paulo e Diários associados. Ele integra a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº 24, e é considerado o mais famoso e premiado autor brasileiro de histórias em quadrinhos.

Maurício de Sousa é um dos cartunistas que mais produz no Brasil e suas revistas sempre buscam abordar conteúdos mais voltados para o público infantil, porém, surge também a necessidade de manter os seus leitores fiéis ao seu trabalho. As crianças crescem e com elas surgem o interesse em descobrir assuntos que estão presentes em nosso cotidiano que, muitas vezes, são tratados como *tabu*

e acabam sendo camuflados pela sociedade. A sua simplicidade em descomplicar é o mais fascinante, e é considerado o grande motivo do seu sucesso.

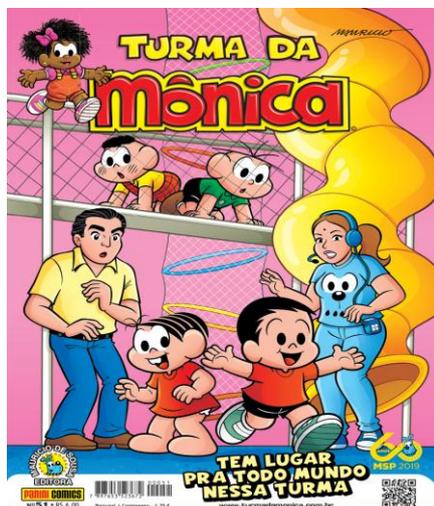
O cartunista começou a sentir a necessidade de criar personagens na Turma da Mônica em que as crianças pudessem se reconhecer, foi então que começou a abordar em suas tirinhas como deve ocorrer o processo de inclusão de crianças com limitações e que possuem algum tipo de deficiência física ou intelectual. Com o incentivo da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, o cartunista foi convidado a criar um personagem que fosse autista. Então, Mauricio de Sousa, criou em 2002, o personagem André.

A primeira aparição desse personagem nas tirinhas foi no Gibi “Um amiguinho diferente”. Para a criação desse personagem, foi necessário que o autor tivesse contato com crianças diagnosticadas com TEA, e também ouvisse relatos de estudiosos e especialistas nessa área. O principal objetivo da revista foi abordar o assunto de maneira leve e descontraída, mas, acima de tudo, com muita responsabilidade e precisão do que está sendo exposto. A partir da introdução desse personagem na Turma da Mônica, vários educadores passaram a relatar o interesse em discutir esse assunto.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E A ANÁLISE

Metodologicamente, este artigo seguiu a linha qualitativa com as contribuições da Semântica, com o objetivo de analisar possíveis elementos semânticos que propiciaram a pluralidade de sentidos em textos verbais e não verbais presentes em uma edição especial da Revista da Turma da Mônica, do autor Mauricio de Sousa. Para a constituição do *corpus*, selecionamos cinco imagens, duas imagens que aparecem na Revista da Turma da Mônica e três que foram retiradas através de *prints* de vídeos no YouTube, de 30 segundos cada, sobre o citado transtorno. Os vídeos podem ser vistos nos canais oficiais do Instituto ou no canal do *Youtube* ‘Maurício de Sousa produções’.

Momento de análise da figura 01:

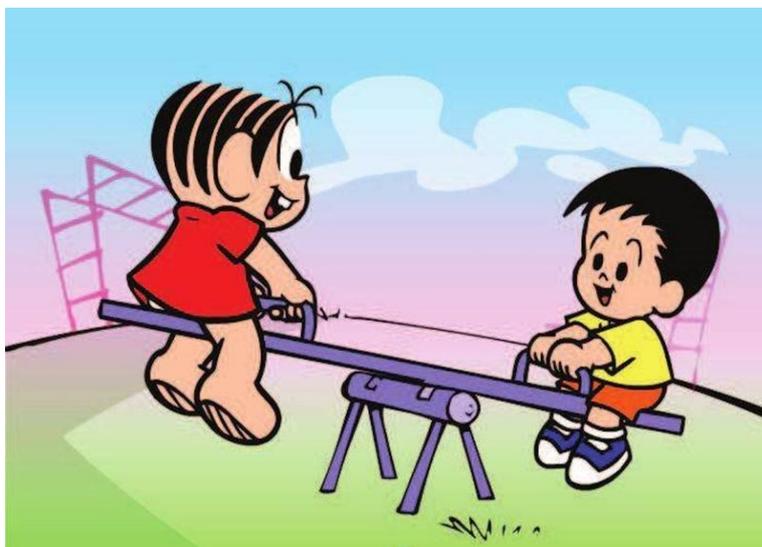


Fonte: Capa da Revista Autismo (2019).

A primeira figura que constitui o *corpus* deste trabalho apresenta a capa da Revista Turma da Mônica. Verificamos a presença da linguagem verbal e não verbal e o recurso de elementos semânticos. De início, a pressuposição remete pelo menos a quatro observações: 1) na imagem da capa da revista os outros personagens que compõem a Turma da Mônica se mostram surpresos com a chegada de André, que até o momento era uma criança desconhecida para eles; 2) o elemento verbal “tem lugar para todo mundo nessa turma”, parte de um conjunto de pressuposições sobre essa turma e denota que também existem outras crianças com deficiências; 3) há lugar inclusive para autistas; 4) no mundo da Turma da Mônica, sempre, haverá lugar para mais um.

A tirinha foi publicada no dia 2 de abril de 2019, dia mundial da conscientização do autismo. A Turma da Mônica é composta também por outras crianças com algumas deficiências motoras e cognitivas como: síndrome de Down, cadeirante, deficiente visual, deficiente auditivo e, agora, um autista, André. A importância desse personagem na Turma da Mônica representa todas as crianças autistas do mundo. Os autistas precisam ser inseridos no contexto escolar e na sociedade, a igualdade precisa ser compartilhada, o respeito deve existir por essas pessoas e o preconceito e a discriminação necessita ter um fim, ou pelo menos ser amenizados.

Momento de análise da figura 02:



Fonte: Canal do Youtube, Maurício de Sousa (2019).

Na segunda imagem, observamos a linguagem não verbal presente no momento em que Mônica e André estão brincando. Neste caso, a interação social

entre eles chama atenção, pois, raramente, um autista aceita interagir com outras crianças. A figura contribui para quatro pressuposições: 1) crianças autistas conseguem brincar com outras crianças; 2) André é um autista de nível leve; 3) Mônica expressa felicidade por estar brincando com seu amigo autista; 4) André gosta da brincadeira porque os movimentos são repetitivos e ele está olhando fixamente para os olhos de Mônica, então, demonstra sentir segurança nela.

Notamos que André se mostra como um rompimento de estereótipos marcados. A dificuldade de interagir, principalmente quando criança, é ainda mais latente. Os autistas gostam de movimentos repetitivos, seja balançando a cabeça, caminhando e voltando sempre no mesmo sentido várias vezes, seja demonstrando interesse por brinquedos como: pula-pula ou gangorra. Assim, vemos que é nítida a felicidade que André sente em poder estar brincando com Mônica, pois, apesar de ser criança, ele tem consciência de que sozinho essa brincadeira não poderia acontecer.

Para Machado (2017), alguns estudiosos também evidenciam perturbações quanto ao comportamento social dos autistas. Muitos deles conseguem manter um contato social, mas de forma recuada e apreensiva. Diante disso, notamos que os autistas apresentam limitações em relação à interação com outras pessoas, seja do seu convívio social ou não. Muitas vezes, se mostram bastante resistentes a aceitarem a participação de outra criança junto de si.

No entanto, tal comportamento, mais rígido e restrito, não se aplica a todos os autistas, como já discutimos durante a pesquisa, pois não existem autistas iguais, mas um conjunto de pessoas com características iguais e limitações amplamente restritas. Observamos isso no momento em que André aceita brincar com Mônica e consegue interagir com ela.

Momento de análise da figura 03:



Fonte: Canal do Youtube, Maurício de Souza (2019).

Nesta terceira imagem, assim como na anterior, analisamos a presença da linguagem não verbal com o efeito semântico da pressuposição. Na imagem, observamos a presença do personagem André tocando piano, enquanto Sofia, sua amiga, se demonstra espantada diante do que está vendo. A figura contribui para as seguintes pressuposições: 1) André gosta de música; 2) autistas possuem habilidades especiais; 3) Sofia fica espantada ao ver que André sabe tocar piano; 4) Sofia nunca tinha visto André tocar; 5) pressupõe-se que alguém tenha dito a Sofia que os autistas têm sensibilidades ao ouvir música; 6) o ato de tocar e as notas do piano estão sendo superagradáveis aos ouvidos de André.

André mostra ser uma criança superdotada e que possui habilidades especiais, como tocar piano. A expressão facial de Sofia demonstra um espanto representando uma sociedade que rotula a capacidade intelectual dos autistas em desenvolver atividades melhores do que outras crianças que não apresentam TEA. Os autistas são extremamente sensíveis a sons muito altos, isso perturba a mente deles, causa agitação e hiperatividade, e mais uma vez André se mostra como uma criança que também gosta de ouvir música, assim como muitos outros autistas.

Para Machado (2017), uma das características mais comuns entre crianças autistas é demonstrar hipersensibilidade a sons altos ocasionados por bombas, cortadores de grama e sinetas escolares. Sendo assim, podemos perceber que os autistas são muito sensíveis a barulhos que agridem os ouvidos. Na verdade, o que ocorre é uma confusão mental de onde estaria vindo e a causa do determinado barulho. Notamos que essa é uma das características mais comuns entre os autistas, pois muitos deles chegam a ficar violentos e começam a gritar pedindo para parar, mas também temos autistas com casos mais leves, como André, que além de tocar piano, se sente confortável com o som daquele instrumento musical.

Momento de análise da figura 04:



Fonte: Canal do YouTube, Maurício de Sousa (2019).

Na quarta imagem, observamos a imagem do personagem André brincando sozinho, o que caracteriza mais um sintoma do autismo. Assim como na imagem

anterior, analisamos a presença da linguagem não verbal, que remete pelo menos a três pressuposições: 1) pressupõe-se que Mônica e Cebolinha estejam conversando se devem ou não ir até onde André está, pois só ele detém os brinquedos; 2) André se sente feliz mesmo brincando sozinho; 3) os autistas preferem organizar seus brinquedos por emparelhamento.

Nesta imagem, notamos que André está brincando sozinho e mesmo assim expressa felicidade em estar realizando essa atividade. Através das expressões faciais que os amigos demonstram, eles se questionam se devem ou não deixar o amigo brincando sozinho, já que gosta de fazer isso. Para Bruni *et al.* (2013), as crianças autistas podem passar horas alinhando seus carros, trens, navios e cubos, ao invés de usá-los para brincar. Se alguém move um dos brinquedos, a criança pode ficar tremendamente chateada e irritada.

Nessa perspectiva, os autistas apresentam restrições durante suas brincadeiras e, por vezes, podemos achar que estão muito calados e solitários, precisando de companhia, quando, na verdade, para eles estarem sozinhos significa um momento de concentração dentro do mundo deles. A interrupção dessa atividade pode gerar agressividade ou crise, porque eles estavam concentrados e alguém os atrapalhou.

Momento de análise da figura 05:



Fonte: Revista Autismo (2019).

Na quinta e última imagem, observamos uma história em quadrinhos que aborda uma das características do autismo o “sincericídio”. A narrativa começa quando Mônica pede para que uma de suas amigas tire foto dela junto à Magali; Mônica não espera que André seja tão sincero com ela, razão por que acaba ficando furiosa. Nessa história, identificamos a presença de uma criança autista destacando os fenótipos que mais se destacam em Mônica, visto no seguinte diálogo: MÔNICA: “O que você achou, André?” (referindo-se à foto); ANDRÉ responde: “Ficou baixinha e dentuça!”.

Verificamos que André acaba evidenciando o que mais se destaca em Mônica. Pressupõe-se que Mônica não sabia que André também possuía a característica do sincericídio, o qual significa uma espécie de verdade relativa em que o sujeito expressa algo sem pensar ou refletir antes de falar. O sincericídio caracteriza-se como uma dificuldade que as pessoas autistas têm em mentir ou suavizar a verdade, gerando muitas vezes, conflitos com as pessoas que vivem em sua volta.

Apresenta-se como uma limitação que os autistas enfrentam e que acabam prejudicando não só aos que vivem em seu meio, mas também a si mesmos, por as pessoas acharem que aquelas palavras estão sendo ditas como forma de sarcasmo ou maldade. Entretanto, essa é uma luta que os autistas buscam trabalhar no seu interior, pois muitos deles têm a consciência do peso que as palavras carregam.

Dessa forma, podemos dizer que André quebra as opiniões que dizem que os autistas são puros e inocentes, o que não é bem assim, pois o que existe é um *déficit* nas habilidades de conseguir se colocar no lugar do outro, prever algumas malícias nas conversas e acabar sendo sincero demais, ou em outras palavras, exercer a empatia de forma consolidada. Essa dificuldade está diretamente relacionada à falta de comunicação que os autistas apresentam, como são mais diretos, claros e objetivos no cotidiano, torna-se um hábito falarem sem filtros sociais ou polidez.

Notamos que os autistas são crianças verdadeiras e, muitas vezes, não conseguem ter empatia pelas pessoas. De acordo com Souza e Santos (2018), as crianças que possuem o espectro autista podem ser consideradas pessoas autênticas, razão por que não compreendem que o uso de mentiras pode suscitar algum tipo de vantagem. Diante disso, a ausência da mentira entre essas crianças é comum, pois, para elas é bem mais simples e rápido ter uma resposta que não precise ser bem elaborada, que não force sua mente, do que procurar palavras ou frases para agradar o outro, como vemos na fala da personagem Magali: “Às vezes, acho que o André é sincero demais!”. Essa fala ratifica as observações que expomos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises, concluímos que a Revista da Turma da Mônica se constitui como um instrumento consistente para análises do nível semântico e pragmático. Isso porque proporciona a relação dos elementos verbais e não

verbais para a construção de sentidos do texto. Analisamos a capa da Revista da Turma da Mônica, bem como imagens que foram retiradas de vídeos e da própria revista, em que verificamos efeitos de sentido em um tema central: a inclusão de crianças autistas.

À medida que analisamos o *corpus*, identificamos as discussões sobre as principais características das crianças que possuem TEA e a forma como os colegas reagem ao ver as atividades que André exercia. Utilizamos o fenômeno da pressuposição, dos implícitos e explícitos, para desvendar os sentidos que o autor almejou atingir no ato da produção. Dessa forma, chegamos a algumas conclusões: a relação da linguagem verbal a não verbal é indispensável para a construção dos sentidos; a inclusão do personagem André vai além da historinha de ficção, fazendo com que as crianças que leiam esta revista possam se identificar com esse personagem; e que para podermos compreender afundo os sentidos das imagens, precisamos ativar conhecimentos cognitivos sobre a temática que está sendo tratada.

Sendo assim, reforçamos novamente, a necessidade de relacionar a Semântica à Pragmática, pois os textos possuem significados que só podem ser compreendidos por meio do contexto de produção. Reiteramos a relevância deste trabalho, pois mostra-nos que um tema sério, como o autismo, pode ser trabalhado de forma dinâmica, sem prejudicar ou diminuir sua importância. O recurso humorístico despertou elementos linguísticos que dão margem a diversas interpretações, se tornando um objeto importante para análises semânticas e pragmáticas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2002.

BERNARDI, Dalmira Inês. Formação de professor: explorando os gêneros textuais charge e tirinha na formação do aluno leitor. In: *os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor*. Versão Online, ISBN 978-85-8015-079-7. Paraná: Cadernos PDE, 2014.

BRUNI, Ana Rita. et al. *Autismo e realidade* (Cartilha autismo e educação). São Paulo, 2013.

CABRAL, Symara Abrantes de Oliveira; OLIVEIRA, Sayonara Abrantes de. Fenômenos da significação e da construção do humor nas tirinhas humorísticas na sala de aula: interagindo com textos para aprender a ler. *Anais do SILEL*. Vol. 3, n 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

FERRAREZI JR., Celso. *Semântica*. Coleção Linguística para o Ensino Superior. Vol. 6. São Paulo: Parábola, 2019.

MACHADO, Cintia Corrêa Da Silva. *Estratégias de alfabetização e socialização que atendam crianças autistas*. Universidade Candido Mendes / avm pós-graduação lato sensu. Rio de Janeiro, 2017.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. *Semântica e Pragmática*. Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis: 2009.

ROCHA, Max Silva da; SILVA, Margarete de Paiva. A linguística textual e a construção do texto: Um estudo sobre os fatores de textualidade. *Revista a Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 18, n. 2, maio/ago. 2017, p. 26-44. Acesso em: 20 de mai. de 2020.

SOUSA, Maurício de. *Revista da Turma da Mônica*. Editora Maurício de Sousa. n 51, 2019. Disponível em: <https://www.revistaautismo.com.br/geral/andre-e-a-turma-da-monica-em-sincericidio/>. Acesso em: 30 de mai. de 2020.

SOUZA, Pedro Miguel Lopes de; SANTOS, Isabel Margarida Silva Costa dos. Caracterização da síndrome autista. *O Portal dos Psicólogos*, 2018. Disponível em: WWW.psicologia.com.pt. Acesso em: 20 de mai. de 2020.

XAVIER, Glayci Kelli Reis da Silva. Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade. Programa de pós graduação em Letras Estudos Literários UFJF. *Darandina Revista eletrônica*, 2018. Vol. 10, n 2. ISSN 1983-8389.

YOUTUBE. *Canal Maurício de Souza: o autismo na Turma da Mônica*, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC6bvaeZ7n1LYynzjrIVWudg>. Acesso em: 30 de mai. de 2020.

Para citar este artigo

SOUZA, Mirelly Simplício de; SILVA, Natália Luczkiewicz da; ROCHA, Max Silva da. Autismo em pauta: análise de elementos semânticos em tirinhas da Turma da Mônica. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 9, n. 3, p. 956-972, set.-dez. 2020.

Os autores

Mirelly Simplício de Souza é discente de graduação do curso de Letras/Português da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) campus Palmeira dos Índios.

Natália Luczkiewicz da Silva é discente de graduação do curso de Letras/Português da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) campus Palmeira dos Índios.

Max Silva da Rocha é docente da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) campus Palmeira dos Índios.